

O LIRISMO CRÍTICO E A MODERNIDADE POÉTICA: A RELEITURA DE JEAN-MICHEL MAULPOIX DA OBRA DE STÉPHANE MALLARMÉ

Erica MILANEZE*

- **RESUMO:** No diversificado contexto da poesia francesa contemporânea, o lirismo crítico expressa uma recuperação da poesia lírica em oposição às tendências neovanguardistas e à pós-poesia, apoiadas na literalidade. Os ensaios e as obras poéticas de Jean-Michel Maulpoix são representativos desta vertente poética que mostra que o lirismo não se volta mais, no contexto contemporâneo, para a expressão de uma interioridade exaltada e para a busca pelo absoluto. Além disso, o lirismo crítico efetua uma releitura da modernidade poética, particularmente, da obra de Stéphane Mallarmé, procurando dialogar criticamente com o passado literário.
- **PALAVRAS-CHAVES:** Lirismo crítico. Mallarmé. Maulpoix. Poesia contemporânea. Poesia francesa.

Por volta dos anos de 1980, começa a se manifestar no cenário poético francês uma tendência vinculada à poesia lírica, denominada, por alguns, “*nouveau lyrisme*” e, por outros, “*renouveaux lyrique*” e, pelo crítico e poeta Jean-Michel Maulpoix, “lirismo crítico”, que recupera a tradição literária apoiada no conceito, ainda controverso, de “lirismo”. Esta tendência lírica revela-se nas obras poéticas de poetas pouco afeitos ao formalismo, dentre outros, James Sacré, Guy Goffette, Hédi Kaddou, Jean-Pierre Lemaire, Philippe Delaveau, Jean-Michel Maulpoix, Jacques Réda, Claude Roy e Jean Grosjean. O retorno do lirismo ao primeiro plano do cenário literário francês exprime uma reação às neovanguardas formalistas e textualistas dos anos de 1960 e 1970, que se voltam para uma escrita “antilírica” e literal.

A obra poética e os ensaios críticos de Jean-Michel Maulpoix mostram sua fidelidade à proposta do lirismo, à investigação de suas diversas formas de apresentação no seio da produção contemporânea e também ao longo da história literária, direcionando-se para a formulação teórica do que nomeia “lirismo crítico”.

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Teoria Literária – Campinas – SP – Brasil. 13083-859 – erica.milaneze@gmail.com.

Contrapondo-se à argumentação dos neovanguardistas e literalistas, o autor se atém ao argumento comumente aceito de que o lirismo não se reduz à ideia simplista de um fluxo verbal pouco ou mal controlado ou somente à efusão dos sentimentos (MAULPOIX, 2009, p. 09). No que concerne à retomada do lirismo no contexto contemporâneo, Maulpoix (2000a, p. 10) observa que se vincula às discussões entre a poesia e sua relação com o real. Ao recordar Mallarmé, em “*La musique et les lettres*” (s.d. [1894]), Maulpoix (2000a, p.09) diz que a poesia se ocupa de “*autre chose*” além do real ao qual deseja dar uma voz. Esta “*autre chose*” palpita em seu interior, mas o poeta não é capaz de expressá-la pela escrita:

*Loin de fuir vers l’Azur, d’entretenir la nostalgie des dieux, ou de se complaire parmi les songes et les mensonges, elle cherche, elle examine, elle proteste, elle réclame, elle cite toutes choses à comparaître dans la langue qu’elle travaille. L’instinct lyrique mobilise en elle cet effort qui vise à articuler le dedans et le dehors, le réel et le subjectif, ou le possible et l’impossible.*¹ (MAULPOIX, 2000a, p. 09-10).

Do cerne das investigações de Maulpoix emerge o conceito de “lirismo crítico”, como uma variante lírica capaz de apreender o “extremo contemporâneo” e de se confrontar com a herança literária. O lirismo crítico perfaz o gesto reflexivo inerente à própria escrita e, conforme Maulpoix (2009, p. 21),

*[...] c’est en vérité dans le lyrisme même qu’il faut aller rechercher les marques d’un travail critique. Et c’est dans l’effort de maintien du fil très fragile de la voix et de l’émotion que se décide son sort. Critique est ce lyrisme qui creuse plus qu’il ne s’élève et qui interroge plus qu’il ne célèbre. Critique, cette écriture qui se retourne anxieusement sur elle-même au lieu de chanter dans l’insouciance. Mais lyrique cependant, puisque les questions qu’elle pose restent indissociables de l’émotion d’un sujet et de la circonstance vécue.*²

O autor define, na verdade, o lirismo crítico conforme sua proposta estética, concepção que conjuga a postura do poeta frente à interioridade, à linguagem,

¹ “Em vez de fugir para o *Azur*, de entreter a nostalgia dos deuses ou de se comprazer entre desejos e mentiras, ela busca, examina, protesta, reclama, cita todas as coisas a comparecer na língua que trabalha. O instinto lírico mobiliza nela esse esforço que visa articular o interior e o exterior, o real e o subjetivo ou o possível e o impossível”. (As traduções das citações são nossas).

² “[...] é, na verdade, no próprio lirismo que é preciso buscar as marcas de um trabalho crítico. E é no esforço de manter o fio muito frágil da voz e da emoção que se decide sua sorte. Crítico é o lirismo que escava mais que eleva e interroga mais que celebra. Crítica essa escrita que retorna ansiosamente sobre si mesma em vez de cantar na tranquilidade. Mas lírica, entretanto, porque as questões que coloca permanecem indissociáveis da emoção do sujeito e da circunstância vivenciada”.

à realidade circunstancial e à herança literária. O lirismo crítico exterioriza a voz e a emoção do sujeito, mas não se deixa levar pelos excessos passionais da interioridade, como alguns românticos, pois escava e interroga, inserindo-se em um “canto baixo”, limitado e constringido (MAULPOIX, 2009, p. 22), na atitude metapoética e no questionamento da subjetividade, do mundo exterior e do passado literário do qual é herdeiro.

Maulpoix publica *Une histoire de bleu*, em 1992, obra poética que amplia seu público e lhe traz notoriedade devido, inclusive, à sua tradução para vários idiomas. Em uma longa entrevista concedida a Michel Meresse, em maio de 1996, afirma que *Une histoire de bleu* exprime uma subjetividade e desenvolve como contraponto uma crítica dos temas e estereótipos que o sujeito carrega consigo; o livro parte da investigação da cor azul, que atua como “*une couleur-valise dans laquelle vient se loger aussi bien ce qui est de l’ordre du sentiment que ce qui relève de la croyance*”³ (MAULPOIX, 1996, s.p.). A meu ver, a história do azul é a história da própria poesia a partir de sua identificação com o lirismo no Romantismo francês, passando pelas profundas transformações que sofre na segunda metade do século XIX durante a modernidade poética, quando perde paulatinamente a força do canto e o poder de unir a subjetividade e a realidade exterior ao Ideal. A obra de Maulpoix exprime uma busca poética, que não é mais aquela de um paraíso perdido reencontrado e ressuscitado pela imaginação e pela rememoração proporcionada pela escrita poética, mas a história da busca do poeta contemporâneo pela poesia em um contexto em que se diz “*adieux au poème*” e também em que alguns críticos veem um esgotamento de suas formas. Ora, o poeta em *L’instinct de ciel* – prosa lírico-crítica publicada por Maulpoix em 2000⁴ –, delineia claramente a busca poética pela poesia ou pelo lirismo de *Une histoire de bleu*, uma vez que as duas obras tendem a se complementar:

*Je sais que je ne parviendrai pas à te donner un corps. Malgré tout, je persiste. [...] Je cherche pour toi la fin et le commencement. J’attends ta voix. La manière propre que tu auras de dire les choses. De choisir et de rapprocher, de séparer ou de faire tenir ensemble. J’attends d’entendre battre ce qui s’appelle ton cœur. [...] Ta façon d’espérer encore. Quelqu’un, en toi, ne se résigne pas. Quelqu’un refuse de disparaître. Toi, ce bruit de vivre en se cognant au ciel. Toi, ces lignes brisées. Toi, cette histoire de bleu. Obstinée malgré tous ces mots qui aggravent le chagrin.*⁵ (MAULPOIX, 2005b, p. 212-213).

³ “uma cor valise na qual se alojam tanto o que é da ordem do sentimento quanto o que releva da crença”.

⁴ Maulpoix publica *Une histoire de bleu* e *L’instinct de ciel* em um mesmo volume, pelas edições Gallimard, em 2005.

⁵ “Sei que não conseguiria dar-lhe um corpo. Apesar de tudo, persisto. [...] Busco para você o fim e

O título *Une histoire de bleu* se origina na frase do poeta austro-alemão Rainer-Maria Rilke (1875-1926), transcrita por Maulpoix na epígrafe do texto em francês: “*On pourrait imaginer que quelqu’un écrivît une **histoire du bleu***”⁶ (MAULPOIX, 2005b, p.27, grifo nosso). Ao optar por “*histoire de bleu*”, ao invés de “*du bleu*”, o autor contemporâneo amplia o sentido dicionarizado da palavra *bleu* – substantivo masculino na língua francesa – que deixa de ser apenas uma cor para adquirir no texto a polissemia própria da palavra poética, reunindo simultaneamente sentidos que se referem aos elementos materiais, aos sentimentos e às crenças humanas: o azul, do qual fala Maulpoix, representa a cor do ideal, da religiosidade, da infância, da morte, dos sonhos, do mar, do céu, do amor, da melancolia e tantos outros sentidos que talvez se possa recuperar pela leitura da obra.

Matéria fluida, visível e a um só tempo invisível, que se expande pelo espaço exterior, impregnando a interioridade dos seres e das coisas, o azul ou “*bleu*”, em Maulpoix, se transforma na energia da vida – que origina as emoções, os sentimentos contraditórios e os pensamentos – que determina o “estado poético”, expandindo-se pelo corpo e estimulando a voz a exteriorizar o canto, desencadeando, por seu turno, uma sensibilidade no sujeito que lhe permite perceber suas mais tênues manifestações na realidade exterior. O azul envolve tanto a paisagem quanto o ser humano, reunindo a vida e a escrita, uma vez que é a manifestação da poesia na matéria e nos sentimentos. Desta forma, o azul representa o elemento palpável e impalpável que, situando-se no espaço *entre-deux*, que demarca os limites entre a terra e o céu, envolve e faz parte de todos os seres. Enquanto metáfora do lirismo crítico, funciona como um articulador entre a subjetividade do poeta, a realidade exterior e a escrita, e também como um veículo para a exteriorização das dúvidas, dos questionamentos e dos anseios do poeta em relação à alteridade (interior e exterior) e à linguagem poética. Conforme Michel Collot (1998, s.p.), o “*bleu*” não é somente a cor do céu ou do mar, mas a coloração da própria existência, com suas nuances mutantes, desde o brilho do prazer até a lividez do cadáver, sendo abordado em *Une histoire de bleu* como uma “matéria-emoção”, cujas propriedades físicas fundam valores simbólicos. Compõe a subjetividade do poeta, porque é por meio dele que exterioriza seus sentimentos: o amor, o desejo, a dor, a expectativa, a melancolia, a angústia, ou ainda, os pensamentos, os sonhos e os devaneios. Relaciona-se, além disso, com a herança literária na qual poeta e lirismo se inserem, uma tradição poética que

o começo. Espero sua voz. O modo próprio que tem de dizer as coisas. De escolher e de se reconciliar, de separar ou de fazer junto. Espero ouvir bater o que se chama seu coração. [...] Sua maneira de esperar ainda. Algo, em você, não se resigna. Algo recusa em desaparecer. Você, esse barulho de viver batendo no céu. Você, essas linhas quebradas. Você, essa história de azul. Obstina-se apesar de tudo, essas palavras que agravam a tristeza”.

⁶ “Poder-se-ia esperar que alguém escrevesse uma história **do azul**”.

começa no Romantismo, mas que se instala definitivamente na modernidade e que chega até os dias atuais.

Com efeito, em suas obras ensaísticas e poéticas, Maulpoix efetua uma releitura da modernidade poética, de maneira que sua concepção de lirismo e de lirismo crítico se apoiam e dialogam com a herança literária. Desta forma, este diálogo se insere nos textos poéticos do poeta contemporâneo, notadamente em *Une histoire de bleu* e *L'instinct de ciel*, em que se observa uma intensa releitura das ideias de Stéphane Mallarmé.

No prefácio do ensaio *Le poète perplexe*, Maulpoix (2002, p. 10) questiona:

À quel prix et pourquoi préserver le chant, lorsque la voix humaine rend un son de 'cloche fêlée' (Baudelaire), semble tout près de se taire (Verlaine), fait entendre son dernier 'couac' (Rimbaud), ou s'étrangle d'un spasme (Mallarmé)? Comment se rapporter encore à l'Idéal, quand celui-ci n'est plus l'horizon vers lequel on court, mais un 'instinct de ciel' désaffecté, lorsque s'estompent les arrières-mondes, cédant la place au creusement de 'l'espace du dedans' (Michaux)?⁷

Em uma entrevista concedida à revista *Express*, em 2006, Maulpoix (s.p.) define seu posicionamento como poeta frente ao mundo contemporâneo na herança com a modernidade: “*pour ma part, je me perçois boiteux, infirmité typique de la modernité depuis L'Albatros de Baudelaire, claudiquant entre mon époque et la tentation d'une retraite intemporelle dans la nature*”⁸. O autor dá sequência, portanto, à tradição moderna em que o poeta sente a tensão entre o desejo de evasão para uma realidade ideal inatingível e a consciência de estar irremediavelmente preso à opressiva realidade terrena onde vive exilado, tensão representada na obra baudelairiana pela dialética entre o ideal e o *spleen*. Em uma de suas análises da obra de Stéphane Mallarmé, Maulpoix (2002, p. 156) lembra que este poeta se encontra “*plus boiteux et plus offensé par le vulgaire que l'albatros baudelairien*”⁹ e complementa citando “*La musique et les lettres*”: “*un lamentable seigneur exilant son spectre de ruines lentes à l'ensevelir, en la légende et le mélodrame, c'est lui, dans l'ordre journalier*”¹⁰. A herança baudelairiana na construção da obra de

⁷ “A qual preço e porque preservar a voz humana, dando-lhe um som de ‘sino rachado’ (Baudelaire), que parece próximo de se calar (Verlaine), de fazer ouvir o som do último ‘desafino’ (Rimbaud) ou um espasmo estrangulado (Mallarmé)? Como se reportar ainda ao Ideal quando este não é mais o horizonte para onde se corre, mas um ‘instinto de céu’ antiquado, quando explodem os últimos mundos, cedendo o lugar ao escavamento do ‘espaço interior’ (Michaux)?”

⁸ “de minha parte, percebo-me coxo, enfermo típico da modernidade a partir do *Albatroz* de Baudelaire, mancando entre minha época e a tentação de uma saída intemporal na natureza”.

⁹ “Mais coxo e mais ofendido pelo vulgar que o albatroz baudelairiano”.

¹⁰ “um lamentável senhor exilando seu espectro de ruínas lentas a enxovalhar, na lenda e no

Mallarmé é bem conhecida, notadamente nos poemas escritos entre 1862 e 1865, em que se verifica com mais intensidade a obsessão pela idealidade em confronto com o “*ennui*” em relação à realidade cotidiana, como comenta Maulpoix (2002, p. 156-157, grifo nosso):

*Réfugié dans le rêve, il refuse avec véhémence l'idée d'un "Art pour tous" [...]. Tel serait le premier portrait d'un Mallarmé exaspéré par le réel et dévoré par l'Idéal à un moment où celui-ci a épuisé ses noms d'emprunt: Dieu, peuple, progrès, Beauté même. L'Azur se réduit à son nerf: le "filigrane bleu de l'âme" [...].*¹¹

Falar na cor azul na literatura francesa implica recuperar uma rica herança literária e poética – como já aponta Maulpoix ao referir-se à personagem de Gustave Flaubert, Emma Bovary –, que remete à cor do céu metafísico que atua como uma representação da realidade transcendente almejada pelos autores românticos que aspiram à eternidade, atingir o céu onde habita a Divindade, enfim, ultrapassar as fronteiras entre o finito e o infinito, a fim de se unir à Totalidade. Nesta herança, os simbolistas, influenciados pelo famoso poema mallarmeano “*L'Azur*” – no qual a palavra “*azur*” combina os significados de “céu” e de “azul” para adquirir uma significação metafísica –, transformam o *azur* em um dos símbolos de suas convenções poéticas. Maulpoix comenta, inclusive, que ao escolher o “azul” como tema de sua obra, trabalhou “*sur le cliché, en marchant sur un fil pour ne pas chuter dans la mièvrerie*”¹² (MAULPOIX, 2011, p. 10).

No poema “*L'Azur*”, o “*Azur*” denota o Ideal inacessível de Beleza e Perfeição almejado por Mallarmé, que sente a impotência e a incapacidade de atingi-lo em sua escrita poética¹³, sentimento que o conduz a uma busca obsessiva e frustrada:

melodrama, é ele, da ordem do jornalista”.

¹¹ “Refugiado no sonho, recusa com veemência a ideia de uma “Arte para todos” [...]. Tal seria o primeiro retrato de um Mallarmé, exasperado pelo real e devorado pelo Ideal em um momento em que este esgotou seus nomes de empréstimo: Deus, povo, progresso, Beleza. O *Azur* se reduz a seu nervo: o “filamento azul da alma” [...]”.

¹² “no clichê andando sobre um fio para não cair na afetação”.

¹³ Em carta enviada para Henri Cazalis, datada de 7 de janeiro de 1864, Mallarmé (2008, s.p.) expõe sua angústia: “Enfim envio-lhe este poema sobre o *Azul*, que você parecia tão desejoso de possuir. Trabalhei nele, nestes últimos dias, e não esconderei que ele me causou um desconforto infinito – além do fato de que antes de pegar a pena era preciso, para conquistar um momento de perfeita lucidez, demolir minha desoladora Impotência”.

*Le poète impuissant qui maudit son génie
À travers un désert stérile de Douleurs. [...]
Où fuir dans la révolte inutile et perverse?
Je suis hanté. L'Azur! L'Azur! L'Azur! L'Azur!*¹⁴
(MALLARMÉ, 1974, p. 40-42).

Segundo Bénichou (1995, p. 191), “*l'Azur, avec sa majuscule, n'est pas seulement le bleu du ciel que nous voyons; il est cet idéal lointain qui obsède les hommes*”¹⁵. Como consequência, o poeta experimenta uma sensação de tédio, presente especialmente na época da escrita deste poema devido à sua estadia na pequena cidade de Tournon, no interior da França, onde ensina inglês para sustentar sua esposa Marie e sua filha Geneviève. A angústia tanto em relação à sua vida profissional quanto à sua vida pessoal resulta também da dificuldade em dedicar-se inteiramente à poesia e da impotência em criar algo original.

Estes sentimentos contraditórios frente ao Ideal, à realidade e à escrita perpassam *L'instinct de ciel*, obra em que Maulpoix não apenas homenageia Mallarmé, mas reflete acerca da relação entre a vida e a escrita do poeta moderno, utilizando principalmente dados biográficos retirados de suas correspondências e também de suas obras. Desta forma, o poeta em *L'instinct de ciel*, que atua como um *alter ego* de Mallarmé, reflete sobre a tediosa rotina cotidiana e doméstica, a esterilidade em que se lança diante da incapacidade de escrever, o sentimento de culpa em relação à sua postura frente à família e a melancólica constatação da perda irremediável do Ideal, enfim, parece sentir uma angústia ao fragmentar-se entre a obsessão pela busca poética e a depressão causada pela realidade, ou seja, não consegue conciliar a vida e a escrita, a obsessão pelo Ideal e a vida real, banal e cotidiana:

*Le lit de fer bleu, la table, la commode, la fenêtre aux carreaux bombés. Maria, la chambre tendue de noir est une mère en habits de deuil. Mon quotidien si décousu: tapis, dentelles, profonds miroirs où circulent des fantômes, et la cheminée, oui, surtout la cheminée où la flamme vole en chevelure. [...] Geneviève mange sa mère et pousse comme un bouton de rose. J'ai mal travaillé ces temps-ci. Je suis un mauvais père. **Il y a le jour d'ici-bas, avec son odeur de cuisine, et celui qui point sur la page, blanc comme la mort aux joues de***

¹⁴ “O poeta incapaz que maldiz a poesia / No estéril areal de um deserto de Dores. / [...] Onde fugir? Revolta pérfida e impotente. / O Azul! / O Azul! O Azul! O Azul! O Azul! O Azul! O Azul!” (MALLARMÉ, 1974, p. 43).

¹⁵ “o *Azur*, com maiúscula, não é somente o azul do céu que vemos; é esse ideal longínquo que obceca os homens”.

*Paul ou de Anatole. L'Azur est mort, reste le bleu.*¹⁶ (MAULPOIX, 2005b, p. 195-196, grifo nosso).

Com efeito, as palavras “*azur*” e “*bleu*” não possuem o mesmo significado na língua francesa: “*azur*” remete à cor do céu e se vincula ao Absoluto nas artes e na literatura, enquanto “*bleu*” se refere à cor azul. No poema de Mallarmé, a palavra “*Azur*” exprime um duplo sentido, o azul do céu e o Ideal, que apresentam um significado metafísico; daí o poeta afirmar no poema “*le Ciel est mort*” (MALLARMÉ, 1974, p. 42) para denotar a perda das ilusões metafísicas. Maulpoix, por seu turno, utiliza diretamente a palavra “*Azur*” para enfatizar o ideal e seu esvaziamento traduzido pelo “*bleu*” – “*L'Azur est mort, reste le bleu*” –, constatação que lega ao poeta apenas a possibilidade de se reportar ao azul que se espalha pela realidade terrena, o “*bleu*” ordinário, presente no ar, no mar e nos seres, o único horizonte possível, conforme a releitura da modernidade por Maulpoix, para os poetas pós-românticos, principalmente no contexto contemporâneo:

*Bleue, la lumière du jour. Bleu, cet espace où chacun marche. Cet air même qu'il respire. La transparence qui baigne son visage lui fait désirer d'être aimé, immobile, sur le point d'ajouter une larme à la mer qui pousse et accroît sa vague sous la calme surface de son indifférence*¹⁷ (MAULPOIX, 2005b, p. 150),

afirma o poeta em *L'instinct de ciel*. Na obra de Maulpoix, o desejo insatisfeito pelo “*Azur*” desloca o olhar do poeta para o *bleu* que está sob sua cabeça e ao seu redor até o azul do mar. De acordo com Collot (1988, p. 75), o horizonte romântico se abre para um alhures que permite ultrapassar as fronteiras rumo a uma realidade metafísica; porém, apesar de retomar os grandes temas românticos, os autores modernos, dos quais Maulpoix é herdeiro, invertem suas significações e, assim, substituem a abertura metafísica por um fechamento com forte conotação negativa, em que o horizonte remete ao vazio e ao abismo e, como consequência, “*ce n'est*

¹⁶ “A cama de ferro azul, a mesa, a cômoda, a janela com vidraça convexa. Maria, o quarto afetuoso de negro é uma mãe em roupas de luto. Meu cotidiano tão descosturado: tapetes, rendas, profundos espelhos onde circulam fantasmas e a chaminé, sim, sobretudo a chaminé onde a chama voa em cabeleira. [...] Geneviève come em sua mãe e empurra como um botão de rosa. Trabalhei mal esse tempo. Sou um mau pai. **Existe o dia daqui de baixo, com seu odor de cozinha e aquele que pontua a página, branco** como a morte nas faces Paul ou de Anatole. **O Azur está morto, permanece o azul**”.

¹⁷ “Azul, a luz do dia. Azul, esse espaço onde cada um caminha. Esse ar que respira. A transparência que banha seu rosto lhe faz desejar ser amado, imóvel, ao ponto de acrescentar uma lágrima ao mar que arrasta e aumenta sua onda na calma superfície de sua indiferença”.

*plus seulement la ligne d'horizon qui clôt le paysage, mais 'la partie du ciel ou de la terre qui en est voisine'*¹⁸.

Nos seus ensaios críticos, Maulpoix recupera, por meio da releitura do passado literário, a trajetória da poesia e do lirismo desde a Antiguidade, destacando o motivo do conflito dramático do poeta romântico, cuja voz expõe uma subjetividade decaída, fragmentada entre uma condição fatalmente terrestre e um irresistível desejo de infinito. Com Baudelaire, este conflito se agrava e se liga ao duelo angustiante do poeta dividido entre o *spleen* e o ideal. Baudelaire busca um céu vazio, onde encontra o desconhecido (MAULPOIX, 2005a, p. 25-33). Tal é a transcendência vazia, identificada por Friedrich, na obra *Estrutura da lírica moderna* (1978), como uma das características da lírica moderna. Maulpoix, por seu turno, caracteriza o lirismo, a partir da segunda metade do século XIX, pela via da “*coupure*”, ou do “*corte*”. Esses motivos permitem entender como o poema se transforma em um objeto de linguagem, que insiste na quebra “*en ne cessant de rappeler la perte du divin et l'extrême solitude de la créature. Le poète n'est plus celui qui relie, traduit et relit inlassablement, tel un grand 'herméneute', la Création. Il devient plutôt celui qui délie, transgresse et obscurcit*”¹⁹ (MAULPOIX, 2005a, p. 34-35).

Em *Une histoire de bleu*, o poeta apresenta uma clara consciência do “*corte*” e das consequências da ruptura entre o homem e o Ideal. Assim, refere-se em um dos poemas ao “*azur*” com a letra “*a*” em minúsculo, pois no contexto contemporâneo o “*azur*” não representa mais um ideal de perfeição artística, mas uma substância efêmera, uma imagem que o poeta vislumbra em breves instantes de revelação – como os momentos de transição entre a luz do dia e a escuridão da noite –, na paisagem exterior e a qual é incapaz de descrever em sua totalidade: “[...] *la substance du ciel est d'une tendresse étrange. L'azur, certains soirs, a des soins de vieil or. Il semble qu'au soleil couchant, le ciel qui se craquelle se reprenne un instant à croire à son bleu*”²⁰ (MAULPOIX, 2005b, p. 37). Desta forma, resquícios do ímpeto pela transcendência ainda são encontrados nas obras de Maulpoix, como bem observa Guillaume-Colomb (2011, p. 136, grifo nosso):

[...] *cette appartenance à la postmodernité rend le poète mélancolique, presque nostalgique d'une autre époque, de cette époque où Baudelaire aspirait à l'Idéal*

¹⁸ “não é somente a linha do horizonte que fecha a paisagem, mas ‘a parte do céu ou da terra que lhe é vizinha’”.

¹⁹ “não cessando de lembrar a perda do divino e a extrema solidão da criatura. O poeta não é mais o que religa, traduz e relê incansavelmente, como um grande ‘hermeneuta’ a Criação. Torna-se mais o que desliga, transgride e obscurece”.

²⁰ “a substância do céu tem um carinho estranho. O *Azur*, certas noites, tem tratamento de velho ouro. [...] Parece que no pôr-do-sol, o céu craquelado volta, um instante, a acreditar em seu azul”.

*et où Mallarmé cherchait à rejoindre l'Azur. En un mot, l'œuvre de Jean-Michel Maulpoix exprime la nostalgie du bleu.*²¹

Consciente da perda definitiva das ilusões metafísicas, mas com o desejo pela transcendência ainda presente em sua interioridade, o poeta se vê diante de um impasse, herdado de Baudelaire e de Mallarmé:

*Pourquoi nos ailes sont-elles ainsi cousues à l'intérieur; sous la doublure blanche de la peau? Des ailes non pour l'envol, mais pour claudiquer ici-bas. Pour y couvrir longtemps l'œuf gris de la mélancolie et l'œuf rouge du désir. Seul le bec de la plume en crèvera la coquille. **Interdits d'azur, il nous faut trouver d'autres espèces de ciels.***²² (MAULPOIX, 2005b, p. 214, grifo nosso).

É com a escrita de “*Hérodiade*” que Mallarmé encontra uma solução para esta problemática, criando sua própria poética. O poeta moderno faz do poema um objeto autossuficiente e o lugar de uma reflexividade infinita: “[...] *le spleen y devient pensée, le rêve d'Azur s'y minéralise; la figure d'Hérodiade retourne la stérilité subie en virginité expliquée et revendiquée*”²³, conclui Maulpoix (1998, s.p.). No entanto, a escrita de “*Hérodiade*” submete Mallarmé a um intenso trabalho de escavamento do verso por meio do qual encontra o abismo do Nada no espaço antes ocupado pelo “*Azur*”. Substituição de extrema importância na constituição da poética mallarmeana, como aponta Rancière (1996, p. 40-41, grifo nosso),

l'important est ailleurs: non pas dans la manière dont il a rencontré l'absolu et le néant – ils traînaient un peu partout en son temps – mais dans la manière dont il a réglé cette rencontre, dont il est sortie de cette maladie. Du sommeil dogmatique ou de l'insomnie de l'absolu, on sort, depuis Kant, par la pensée critique: la pensée qui discerne le champ d'exercice et les limites de son pouvoir. Ainsi a fait Mallarmé, au sortir des grandes crises des années 1865. Il a réorganisé, pour son compte, le système de l'esprit. La tête de Méduse de l'Esprit – l'Absolu et le Néant, l'Absolu comme Néant -, il l'a critiquement convertie en une dualité nouvelle, accessible au regard, maîtrisable par la

²¹ “Pertencer à pós-modernidade torna o poeta melancólico, quase nostálgico de uma outra época, dessa época em que Baudelaire aspirava o Ideal e Mallarmé buscava se reunir ao *Azur*. Em uma palavra, a obra de Jean-Michel Maulpoix exprime a nostalgia do azul”.

²² “Por que nossas asas são assim costuradas no interior, sob a dobra branca da pele? Asas não para o voo, mas para claudicar aqui em baixo. Para chocar nelas por muito tempo o ovo cinza da melancolia e o ovo vermelho do desejo. Somente o bico da pluma cravará a casca vazia. **Proibido do Azur, é preciso encontrar outras espécies de céus**”.

²³ “o *spleen* torna-se nele pensamento, o sonho do *Azur* se mineraliza; a figura de *Hérodiade* torna a esterilidade sofrida em virgindade explicada e reivindicada”.

*plume: très précisément, celle que nous avons déjà rencontrée: l'infini et rien,
l'infini immanent au rien, la différence évanouissante de toutes choses à elle-
même [...].*²⁴

Ora, Mallarmé não apenas torna a tarefa do poeta mais penosa e crítica, mas é pela postura crítica que encontra seu próprio caminho, sendo o seu lirismo, também aos olhos de Maulpoix, crítico. Se o Infinito e o Nada se correspondem, que lugar ocupa o lirismo e o anseio de ganhar o “*azur*”, como forma de satisfazer o insistente desejo pela transcendência por meio de uma voz que se origina no interior do ser? Mallarmé conduz o lirismo romântico à afasia, como ressalta Maulpoix (1998, s.p.), construindo uma nova poética que se baseia no efeito produzido – mecanismo que já é citado na carta enviada a Cazalis acerca do poema “*L’Azur*”²⁵ –, e na impessoalidade do poeta e de sua voz, contentando-se, então, em se reportar à Beleza e oferecer apenas o espetáculo de seus ímpetos em direção a ela. “*Hérodiade*” representa, assim, a busca do poema e o teatro de sua origem, é uma reveladora que expressa uma visão do mundo e uma inscrição no mundo, por meio da qual Mallarmé rompe com o desabafo lírico presente nas obras de alguns contemporâneos, como o poeta Emmanuel des Essarts (1839-1909), que critica enfaticamente ao optar por uma maneira de escrever mais sóbria: “*nul abandon chez Mallarmé à la facilité, nulle obéissance à l’impulsion première*”²⁶ (MAULPOIX, 2000a, p. 37). Se o acesso ao “*Azur*” está barrado ao poeta moderno, permanece possível pela força lírica inerente ao trabalho com a língua, tal o lirismo de Mallarmé (MAULPOIX, 2002, p. 166).

Com efeito, no âmbito do pensamento de Maulpoix, a poética mallarmeana do efeito produzido se inscreve na manutenção do lirismo, um lirismo que se apoia na impessoalidade – no desaparecimento elocutório do poeta –, e na autossuficiência

²⁴ “o importante está alhures: não na maneira como encontrou o absoluto e o nada – arrastavam-se um pouco por toda parte em seu tempo – mas no modo como regulou esse encontro, como saiu dessa doença. Do sono dogmático ou da insônia do absoluto, sai-se, a partir de Kant, pelo pensamento crítico: o pensamento que discerne o campo do exercício e os limites de seu poder. Desta forma, fez Mallarmé, ao sair das grandes crises dos anos de 1865. Reorganizou, por sua conta, o sistema do espírito. A cabeça de Medusa do Espírito – o Absoluto e o Nada, o Absoluto como Nada -, converteu-o em uma dualidade nova, acessível ao olhar, controlada pela pluma: muito precisamente, aquilo que já encontramos: o infinito e o nada, o infinito imanente ao nada, a diferença que se dissipa das próprias coisas [...]”.

²⁵ Na carta a Cazalis de 7 de janeiro de 1864, Mallarmé confessa: “*L’effet produit, sans une dissonance, sans une froture, même adorable, qui distraie, voilà ce que je cherche. Je suis sûr, m’étant lu les vers à moi même, deux cents fois peut-être, qu’il est atteint*” (MALLARMÉ apud MAULPOIX, 1998, s.p.). Na tradução para o português: “O efeito produzido, sem nenhuma dissonância, sem nenhum floreado, mesmo adorável, que distraia – é isso que procuro. Tendo lido os versos para mim mesmo, duzentas vezes talvez, estou certo de que ele foi alcançado” (MALLARMÉ, 2008, s.p.).

²⁶ “nenhum abandono na obra de Mallarmé à facilidade, nenhuma obediência ao primeiro impulso”.

da obra, cujo centro gira, de agora em diante, em torno da Beleza, a beleza perfeita e inacessível de *Hérodiade* que vai perseguir o autor até sua morte:

*Mallarmé se pose en poète de la volonté, ou en poète maintenu par la force de la volonté et qui fait en connaissance de cause le choix d'une destinée. 'Je chanterai en désespéré', dit-il, non pas parce que 'les chants désespérés sont les chants les plus beaux', mais parce qu'il poursuivra le travail qui maintient le chant avec 'l'énergie du désespoir'. Son œuvre reposera sur un prodigieux 'malgré tout'. [...] Le poète veille à sauvegarder l'instinct de ciel en un temps qui le nie et en dépit de la conscience qu'il a acquise de son impossible satisfaction.*²⁷ (MAULPOIX, 1998, s.p.).

Dar continuidade ao canto e, assim, à poesia, “*malgré tout*”, é manter o “instinto de céu”, que corresponde, a meu ver, à energia interior que desencadeia o ímpeto, o “estado dito poético”, passível de se transformar em linguagem poética. Embora a efusão e o sublime não encontrem mais espaço no contexto da modernidade e da contemporaneidade – como se configurava no Romantismo –, onde “*l’Azur se réduit à son nerf*”, o poeta ainda guarda em seu interior essa misteriosa energia, o “*filigrane bleu de l’âme*” (MAULPOIX, 1998, s.p.), do qual fala Mallarmé no poema “*Las de l’amer repos*”, que o leva a se voltar para o espaço da página, tentando conciliar a vida e a escrita, o real e o sonho, tal qual uma aranha firmemente presa no centro de sua teia, retirando de dentro de seu corpo a matéria que compõe seus fios. Contudo, tecer ou tramar os fios é ainda estabelecer ligações, mesmo que esses fios delineiem um percurso de divisão, bifurcação, ramificação, ou seja, em que o poeta desaparece para ressaltar a trama de sua escrita, afinal, para Maulpoix (2002, p. 168), o poeta moderno não é nada mais que um poeta perplexo, em que perplexo significa tecer, tramar, entrelaçar.

Segundo Maulpoix (2002, p. 167), é devido a um instinto de céu preservado, mas voltado para “*ici-bas*”, “*rabattu vers la page, ou replié en éventail telle cette aile de papier dans la main de Geneviève*”²⁸, que Mallarmé “*poursuit la tâche orphique*”. É este “instinto do céu”, preservado na obra de vários autores ao longo do século XX, de René Char e Saint-John Perse a Yves Bonnefoy e Jacques Réda, que dá continuidade ao lirismo ao longo do século XX.

²⁷ “Mallarmé se coloca como poeta da vontade ou poeta mantido pela vontade, pela força da vontade e que faz, com conhecimento de causa, a escolha de um destino. ‘Cantarei em desespero’, diz, não porque ‘os cantos desesperados são os cantos mais belos’, mas porque perseguirá o trabalho de manter o canto com ‘a energia do desespero’. Sua obra repousará em um prodigioso ‘apesar de tudo’. [...] O poeta vigia para salvaguardar o instinto de céu em um tempo que o nega e em despeito da consciência que adquiriu de sua impossível satisfação”.

²⁸ “aqui em baixo”, “rebaixado para a página ou desdobrado em leque como essa asa de papel na mão de Geneviève”, “persegue a tarefa órfica”.

Enraizado no sentimento e no pensamento, expandindo-se para todo o corpo, o “instinto de céu” se manifesta na tendência lírico-crítica e faz com que o poeta busque uma conciliação entre sua subjetividade e a realidade por meio do “*bleu*”:

*Ce n'était pas d'Azur diaphane que je parlais: loin des cieux éthérés, toute l'épaisseur et la substance, en nous, de cet instinct de ciel, sa manière par exemple de respirer l'odeur de sel, d'aller pleurer au cinéma, ou de choisir, l'hiver, pour la tiédeur, des pulls et des chemises.*²⁹ (MAULPOIX, 2005b, p. 199).

Como consequência, o “instinto de céu” reestabelece os laços entre a intimidade, a vida e a escrita no seio da realidade contingente. Neste sentido, o poeta lírico-crítico não tem como ideal elevar-se ao Absoluto, mas restabelecer sua inserção na realidade, no espaço onde desenvolve sua vida, do qual se sente afastado: “*Ce que je nomme idéal, absolu, ou azur, n'est après tout rien d'autre que mon espérance de naître enfin ici-bas. J'ai prêté des noms contraires à la réalité qui me manque et où je vis comme un absent*”³⁰ (MAULPOIX, 2005b, p. 197). Ou seja, cercado pela realidade terrena que preenche os limites de seu horizonte, resta ao poeta de *Une histoire de bleu* e *L'instinct de ciel* permanecer na realidade prosaica em detrimento de uma possível tentativa de atingir a transcendência: “*Au lieu de s'évader vers les altitudes bleus, [le poète] demeure à l'intérieur de la communauté des hommes*”³¹ (MAULPOIX, 2009, p. 12). De acordo com este aspecto, em *Une histoire de bleu*, o poeta afirma, recuperando novamente Mallarmé, com um tom melancólico, “*l'azur est lettre morte, l'horizon est indéchiffrable. On se demande comment rester debout dans ce paquet de chair. La terre n'est pas difficile: elle veut bien de nos os. Mais le ciel bleu dédaigne notre pâleur [...]*”³² (MAULPOIX, 2005b, p. 63), desdém também sentido por Mallarmé no poema “*L'Azur*”: “*de l'éternel azur la sereine ironie*”³³ (MALLARMÉ, 1974, p. 40). O poeta volta-se,

²⁹ “Não é do *Azur* diáfano que falava: longe dos céus etéreos, de toda espessura e substância, em nós, desse instinto de céu, sua maneira, por exemplo, de respirar o cheiro de sal, de ir chorar no cinema, ou escolher, o inverno, pela trepidez, os pulôveres e as camisas”.

³⁰ “O que nomeio ideal, absoluto ou *azur*, não é nada mais que minha esperança de nascer enfim aqui em baixo. Atribuí nomes contraditórios para a realidade que me falta e na qual vivo como um ausente”.

³¹ “Em vez de evadir para as altitudes azuis, [o poeta] permanece no interior da comunidade dos homens”.

³² “o *azur* é letra morta, o horizonte é indecifrável. Pode-se perguntar como permanecer em pé nesse pacote de carne. A terra não é difícil: quer muito nossos ossos. Mas o céu desdenha de nossa palidez [...]”.

³³ “do eterno *azur* a serena ironia”.

então, para si mesmo, efetuando uma autocrítica de sua tendência em tentar evadir-se da realidade:

*J'ai fui, j'ai pris le large. L'habitude surtout de n'être nulle part, en apnée dans ma propre vie. Portrait du poète fin-de-siècle en créature d'aéroport, avec cette tête bizarre qu'a l'homme des foules en ces lieux-là: cerveau de gélatine blanche, œil à demi ensommeillé tourné vers le dedans, mais de la fièvre au bout des doigts.*³⁴ (MAULPOIX, 2005b, p. 223).

No entanto, Maulpoix insiste, ainda influenciado por sua releitura de Mallarmé, que a poesia visa “*‘autre chose’, que le réel étrange, et auquel elle veut rendre voix. Cet ‘autre chose’ palpite en elle, dût-elle finir par en reconnaître l'impossibilité*”³⁵ (MAULPOIX, 2000a, p. 9). O ideal aparece, então, em *Une histoire de bleu*, simultaneamente como presença e ausência, representado pelo céu cuja visualização desperta no poeta um desejo que pode ser satisfeito pelo sonho de transformar o impalpável em matéria passível de ser manipulada, possibilidade que somente acontece na escrita poética: “*Le ciel se recoloré [...] On voudrait jardiner ce bleu, puis le recueillir avec des gestes lents dans un tablier de toile ou une corbeille d'osier. Disposer le ciel en bouquets, égrener ses parfums, tenir quelques heures la beauté contre soi et se réconcilier*”³⁶ (MAULPOIX, 2005b, p. 35). No entanto, o “instinto de céu” faz com que dirija um olhar poético, emotivo e melancólico para a realidade exterior – o poeta tem um olhar *bleu* –, o que incorre em uma maneira singular de visualizar, de filtrar, de se relacionar e de se colocar frente ao mundo, transformando-o em uma sequência de imagens poéticas, permeadas por metáforas e analogias, que nada mais são que uma manifestação do lirismo:

Le ciel est de tuiles blanches. La sieste de la mer creuse une longue cicatrice d'encre sur la joue de l'horizon où les voiliers tracent de grandes routes calmes et plantent leur amour d'oiselier d'un blanc très nu.

Des jardins superflus poussent plus haut vers le large, odorants de menthes, de myosotis et d'impatientes. Une rumeur de lilas dégringole vers la mer quand,

³⁴ “Fugi, tomei o largo. O hábito, sobretudo, de não estar em nenhuma parte, em apneia em minha própria vida. Retrato do poeta do final do século como criatura de aeroporto, com essa cabeça bizarra que tem o homem das multidões nesses lugares: cérebro de gelatina branca, olho meio sonolento voltado para o interior, mas com a febre na ponta dos dedos”.

³⁵ “‘outra coisa’ que o real sufocante ao qual quer dar voz. Essa ‘outra coisa’ palpita nela, deve acabar por reconhecer a impossibilidade”.

³⁶ “O céu se recoloré [...] Gostaria de jardinar esse azul, depois, o recolher com gestos lentos em um avental de tecido ou em uma cesta de vime. Dispor o céu em buquês, debulhar seus perfumes, ter por algumas horas a beleza contra si e se reconciliar”.

*sur les balcons de bois peint, le cœur des marins s'éclabousse.*³⁷ (MAULPOIX, 2005b, p. 34).

Porém, a ausência do ideal metafísico acompanha o itinerário do poeta ao longo de sua vida como uma perda ou uma fratura devido ao esvaziamento da divindade.

Enfim, o diálogo estabelecido por Jean-Michel Maulpoix com os trabalhos de Stéphane Mallarmé permite que o autor contemporâneo efetue uma reavaliação crítica da herança moderna, particularmente da metafísica da transcendência e, por meio desta reflexão, que não apenas se limita a seus ensaios críticos sobre o lirismo, mas penetra no interior de seus textos poéticos, no caso, em *Une histoire de bleu* e *L'instinct de ciel*, delinheie um outro percurso para o lirismo contemporâneo, em que o poeta volta seu olhar para a realidade contingente, traduzindo sua beleza em poesia.

Critical lyricism and poetic modernity: a dialogue between Stéphane Mallarmé and Jean-Michel Maulpoix. **Itinerários**, Araraquara, n. 45, p. 277-292, jul./dez. 2017.

- **ABSTRACT:** *In the diversified context of contemporary French poetry, critical lyricism expresses a recovery of lyric poetry in opposition to neo-avant-garde trends and post-poetry, supported in literalness. The essays and poetic works of Jean-Michel Maulpoix are representatives of this poetic strand which shows that the lyricism does not turn anymore, in the contemporary context, to the expression of an exalted interiority and the quest for the absolute. Moreover, the critical lyricism makes a rereading of poetic modernity, particularly the work of Stéphane Mallarmé, searching for critically dialoguing with a literary past.*
- **KEYWORDS:** *Contemporary poetry. Critical lyricism. French poetry. Mallarmé. Maulpoix.*

REFERÊNCIAS

BÉNICHOU, P. **Selon Mallarmé**. Paris: Gallimard, 1995.

COLOMB-GUILLAUME, C. Jean-Michel Maulpoix: une nouveau lyrisme entre modernité et postmodernité. **Faire-Part**. Jean-Michel Maulpoix. D'un bleu critique. Mariac, n. 28/29, p. 136-143, 2011.

³⁷ “O céu é de telhas brancas. A sesta do mar escava uma longa cicatriz de tinta na face do horizonte onde veleiros traçam grandes rotas calmas e plantam seu amor de criador de pássaros em um branco nu. Jardins fluídos impulsionam mais alto para o largo, odores de menta, de miosótis e de impatiens. Um rumor de lilás despenca para o mar quando, no balcão de madeira pintada, o coração dos marinheiros se compromete”.

COLLOT, M. *L'horizon fabuleux*. v. I. Paris : José Corti, 1988.

COLLOT, M. Lyrisme et réalité. **Littérature**, Paris, n. 110, p. 38-48, 1998.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução Marise M. Curioni; Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MALLARMÉ, S. **Carta a Henry Cazalis** (07 de janeiro de 1864). Trad. Liana Carreira. 2008. Disponível em: <<http://www.pequenamorte.net/carta-a-henri-cazalis-1864-stephane-mallarme/#.V1YXafkrKUK>>. Acesso em: 21 fev. 2011.

_____. Hérodiade. In: CAMPOS, A. **Linguaviagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 49-71.

_____. **La musique et les lettres**. s.d. Disponível em: <http://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1894_mallarme1.html>. Acesso em: 21 fev. 2013.

_____. Las de l'amer repos; L'Azur. In: MALLARMÉ, S. **Mallarmé**. Tradução A. Campos, H. Campos e D. Pignatari. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 36-37; 40-43.

MAULPOIX, J. M.. **Adieux au poème**. Paris: José Corti, 2005a.

_____. **Du Lyrisme**. Paris: José Corti, 2000a.

_____. Entretien avec Jean-Michel Maulpoix par L. Liban. **L'Express**, Paris, 27 avril 2006.

_____. Entretien de Jean-Michel Maulpoix avec Michel Meresse. **Revue La Sape**. 21 mai 1996. Disponível em <http://www.maulpoix.net>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

_____.; SOURDILLON, J.-M. Entretien: Entre ce qui « pense » et ce qui « pousse ». **Faire Part**. Jean-Michel Maulpoix. D'un bleu critique. *Mariac*, n.28/29, p. 8-21, 2011.

_____. **Le Poète perplexe**. Paris: José Corti, 2002.

_____. **L'instinct de ciel**. Paris : Mercure de France, 2000b.

_____. **Pour un lirisme critique**. Paris: José Corti, 2009.

_____. **Stéphane Mallarmé, portrait du poète en araignée**. 1998. Disponível em: <<http://www.maulpoix.net/Mallarme.html>>. Acesso em : 28 ago. 2010.

_____. **Une histoire du bleu suivi de L'Instinct du ciel**. Paris: Gallimard, 2005b.

RANCIÈRE, J. **Mallarmé – La politique de la sirène**. Paris: Hachette, 1996.

